

Artigo / Article

# Diálogos transdisciplinares: contribuições da teoria dialógica da linguagem para a análise de discursos digitais

*Transdisciplinary Dialogues: Contributions of the Dialogic Theory of Language to the Analysis of Digital Discourses*

**José Lucas do Nascimento Barbosa** 

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

jose.lucasb@ufpe.br

<https://orcid.org/0000-0002-7854-0571>

**Sônia Virginia Martins Pereira** 

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

sonia.mpereira@ufpe.br

<https://orcid.org/0000-0001-8964-3069>

Recebido em: 30/06/2024 | Aprovado em: 21/11/2024

## Resumo

Este estudo tem como objetivo investigar como a concepção de linguagem em Bakhtin e o Círculo, em articulação com princípios engendrados por Marie-Anne Paveau para a análise de discursos digitais, contribui para a reflexão sobre a responsabilidade ética na produção discursiva no espaço digital. O diálogo entre epistemologias da Análise dialógica do discurso e Análise do discurso digital justifica-se devido ao reconhecimento da linguista francesa da produtividade do construto teórico de Bakhtin para a investigação da ecologia do discurso digital. A pesquisa se baseia em análise bibliográfica de textos primários de Bakhtin e o Círculo e de comentadores, além dos trabalhos de Paveau sobre virtudes discursivas e análise do discurso digital. O estudo está organizado em três seções: 1) exposição dos contextos de produção do Círculo e de Paveau; 2) discussão de princípios convergentes no pensamento de Paveau e Bakhtin e 3) reflexão sobre a responsabilidade ética discursiva na filosofia dos dois teóricos. Este estudo busca contribuir para o intercâmbio teórico, evidenciando a relevância da teoria bakhtiniana para a análise da produção enunciativa digital. Como resultados, o diálogo entre Bakhtin e Paveau contribuiu para evidenciar a responsabilidade ética como elemento constitutivo da atividade discursiva em ambientes digitais.

**Palavras-chave:** Análise dialógica do discurso • Análise do discurso digital  
• Interlocução teórica

## Abstract

This study aims to investigate how the conception of language in Bakhtin and the Circle, in conjunction with principles developed by Marie-Anne Paveau for the analysis of digital discourse, contributes to reflections on ethical responsibility in discursive production within the digital space. The dialogue between the epistemologies of Dialogical Discourse Analysis and Digital Discourse Analysis is justified due to the French linguist's recognition of the productivity of Bakhtin's theoretical construct for the investigation of the ecology of digital discourse. The research is based on a bibliographic analysis of primary texts by Bakhtin and the Circle and commentators, in addition to Paveau's works on discursive virtues and digital discourse analysis. The study is organized into three sections: 1) exposition of the contexts of production of the Circle and Paveau; 2) discussion of convergent principles in the thought of Paveau and Bakhtin; and 3) reflection on ethical discursive responsibility in the philosophy of both theorists. This study seeks to contribute to the theoretical exchange, highlighting the relevance of Bakhtinian theory for the analysis of digital enunciative production. As a result, the dialogue between Bakhtin and Paveau contributed to highlighting ethical responsibility as a constitutive element of discursive activity in digital environments.

**Keywords:** Dialogical Discourse Analysis • Digital Discourse Analysis • Theoretical Interlocution

## Considerações iniciais

No universo das ciências humanas as correntes teóricas não estão de modo algum isoladas, pois, apesar de terem suas fronteiras bem delimitadas, é na cooperação, no diálogo teórico que novas correntes e disciplinas costumam surgir (Bakhtin, 2017a [1979]). Nesse sentido, dialógico significa, em termos epistemológicos, compreender os horizontes valorativo-axiológicos que constituíram um pensamento teórico no seu espaço e tempo. Além disso, significa, também, uma abertura para a busca em evidenciar contribuições, em um novo contexto, para o avanço da ciência.

Essa abertura para o diálogo, presente nas reflexões do Círculo, possibilita que pesquisadores estabeleçam relações dialógicas com outras vertentes do saber. A título de exemplificação, Cabette (2014) objetivou aproximar as teorias do Círculo ao mundo jurídico em seu livro *Bakhtin e o direito: uma visão transdisciplinar*, no qual explicita, já de início, a discussão entre o mundo da teoria e o mundo da vida, tema presente nas reflexões filosóficas de Bakhtin. Em *Música e alteridade: uma abordagem bakhtiniana*, Petracca (2018) propõe a aplicabilidade do conceito de alteridade dialógica para a compreensão da música, ou seja, uma espécie de estética musical da alteridade, na qual chega-se à conclusão de que uma obra musical é resultante da relação dialógica eu-outro. Por outro lado, Camargo Junior (2020), em *Mikhail*

## LINHA D'ÁGUA

*Bakhtin na linguagem cinematográfica*, aproxima as ideias do autor russo sobre inacabamento, excedente de visão estética, autoria, corpo grotesco, carnavalização, entre outros, aos estudos do cinema. Já em *Understanding Bakhtin, understanding modernism*, Hitchcock (2024), em seu capítulo, explora as ideias de Bakhtin – autoria, polifonia e romance – no contexto do modernismo e da estética decolonial.

Esse brevíssimo levantamento de estudos não se propôs a esgotar as possíveis interlocuções teóricas com o pensamento do Círculo<sup>1</sup>; pelo contrário, almejou destacar a transdisciplinaridade<sup>2</sup> dessas investigações. É, nesse sentido, que esta pesquisa tem como objetivo investigar como a concepção de linguagem em Bakhtin e o Círculo, em articulação com princípios engendrados de discurso digital em Marie-Anne Paveau, contribui para a reflexão sobre a responsabilidade ética na produção de discursos digitais. De acordo com Paveau (2020 [2012]; 2021 [2017]), as análises do discurso ditas pré-digitais se estruturavam na lógica do paradigma dualista, em que se via o contexto como algo externo à construção linguageira. Baseada na concepção simétrica de Bruno Latour, Paveau (2021 [2017]) critica esse dualismo e propõe uma linguística simétrica em que os elementos externos e os internos se hibridizam para produção da linguagem, em *continuum*. Diante disso, em termos de digitalidade, a autora afirma que os elementos tecnológicos e o ambiente em que se encontram atuam, em parceria com o humano, na produção dos discursos digitais.

<sup>1</sup> Sob uma ótica transdisciplinar, própria da criação teórica do Círculo, pesquisas têm sido desenvolvidas, no Brasil, tomando-se as bases epistemológicas da teoria dialógica da linguagem em intercâmbio com outros campos teóricos e metodológicos para o tratamento das práticas discursivas na ambiência digital e pré-digital. Entre os estudos mais recentes, especialmente direcionados para a análise do discurso digital, tem-se a dissertação *O enunciado digital tensionado sob a concepção filosófica bakhtiniana do ato responsável: um enfoque não-logocêntrico*, de autoria de José Lucas do Nascimento Barbosa, defendida em 2024, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Além disso, pesquisadores como Urbano Cavalcante Filho têm estabelecido interlocuções teóricas entre a Teoria dialógica do discurso e a Análise do discurso digital, como na conferência Análise dialógica do discurso e análise do discurso digital: diálogos possíveis, apresentada na IV Jornada Internacional do Grupo de Pesquisa Diálogo (USP-CNPQ), em 2023.

<sup>2</sup> O sentido de *ir além*, indicado pelo prefixo *trans*, sinaliza para um movimento de ultrapassagem que o termo *transdisciplinaridade*, escolhido para compor o título do estudo abriga, em função do pensamento de que o diálogo teórico aqui proposto supõe o desenvolvimento de uma problemática em que o objeto de estudo é moldado na relação entre concepções teóricas que convergem entre si. A *transdisciplinaridade* envolve mobilidade e fluidez dos territórios disciplinares possibilitando a fusão entre os campos, o que neste estudo é trazido como fundamento para a relação entre as coordenadas teóricas de Bakhtin e Paveau. Grosso modo, o princípio seminal de Bakhtin (2018 [1963]) para a formulação de uma disciplina que se ocupasse do discurso ressaltando a interdependência entre metalinguística e linguística contempla a noção de *transdisciplinaridade*, na definição de um objeto único de estudo que não seria propriedade de um campo disciplinar específico. Ainda que a ideia de interdisciplinaridade, que prevê complementaridade - o que pode significar a combinação de teorias e metodologias e criação de novo campo de saber propenso à disciplinarização -, estivesse presente na proposta bakhtiniana, a visada é de ultrapassagem de áreas, portanto, *transdisciplinar* e isto envolve a concepção de linguagem do Círculo. É o que pensa Brait (2005), ao asseverar sobre a produção teórica do Círculo e sua pertinência para os estudos da linguagem: “Esse arcabouço teórico-reflexivo aparece, portanto, no enfrentamento da linguagem, não apenas em áreas destinadas a essa finalidade, caso dos estudos linguísticos e literários, mas na *transdisciplinaridade* de campo como a educação, a pesquisa, a história, a antropologia, a psicologia etc.” (Brait, 2005, p. 8, grifos nossos).

A justificativa, portanto, em propor um diálogo com Bakhtin, parte do reconhecimento de Paveau (2020 [2012]) de que na teoria do Círculo há a compreensão de que o contexto é necessário para a construção da linguagem e compreensão do pensamento, ou seja, a cognição<sup>3</sup> trabalhada não apenas como uma sistema inter-humano, mas também ambiental<sup>4</sup>. Assim, para alcançar o objetivo de investigação, a pesquisa tem como procedimento metodológico a análise bibliográfica, ancorada em textos primários do Círculo – de Bakhtin: *Os gêneros do discurso* (2016 [1979]), *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas* (2017a [1979]), *Para uma filosofia do Ato Responsável* (2017b [1986]); de Volóchinov: *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2017 [1929]) e *A palavra na vida e a palavra na poesia* (2019 [1926]).

Utilizamos, também, textos de comentadores do Círculo como *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística* (Morson; Emerson, 2008) e *The Cambridge introduction to Mikhail Bakhtin* (Hirschkop, 2021) em diálogo com Paveau (2015 [2013]), no tratamento das virtudes discursivas, em seu livro *Linguagem e moral* e Paveau (2021 [2017]), no que diz respeito à Análise do discurso digital.

No que concerne à organização estrutural da análise aqui proposta, a primeira seção explora o contexto histórico em que se desenvolveu o pensamento de Mikhail Bakhtin e do Círculo sobre a linguagem e o ato responsável como reflexão crítica à época em que essa produção intelectual estava situada. Além disso, apresentamos também o contexto histórico de Marie-Anne Paveau, evidenciando a mudança do paradigma dualista para o pós-dualista em que a autora se situa para pensar sobre o discurso digital. Na seção dois, discutimos sobre a articulação entre a concepção de linguagem de Mikhail Bakhtin e o Círculo e o conceito de discurso digital em Marie-Anne Paveau, com destaque para o momento de constituição do enunciado, isto é, o processo de acabamento/composição, considerando a integração indissociável dos elementos linguísticos e não-linguísticos para construção de sentidos. Na seção três, propomos examinar a noção de ato responsável e sua relação com o momento de acabamento/composição discursiva e como o pensamento bakhtiniano sobre responsabilidade tem ressonância na noção de virtudes discursivas, de Paveau. Por fim, seguem-se as considerações finais.

Portanto, diante das possibilidades que se apresentam para o desenvolvimento de estudos no campo das práticas discursivas, sob variadas perspectivas que se harmonizam, aqui

---

<sup>3</sup> Para explicar a ideia do externalismo na cognição, Paveau (2020 [2012]) assegura que a mente não está isolada, mas conectada ao ambiente. Em seguida, apresenta as duas versões desse externalismo: a fraca, na qual a cognição envolve tanto processos internos da mente quanto aqueles produzidos no ambiente, e a forte, na qual dispositivos técnicos, ferramentas, organização espacial de objetos, símbolos etc. influenciam atividades cognitivas. É essa versão forte que a autora defende ao falar de cognição situada/expandida. Em suas palavras: “na cognição externalista que defendo, o interior e o exterior são reunidos e formam um *continuum*, sem se opor” (Paveau, 2020 [2012], p. 19).

<sup>4</sup> Paveau (2020 [2012], p. 18) utiliza o termo ambiental para afirmar que desde o início do século XX para alguns filósofos como “Bakhtin-Volóchinov, Malinovsky, Sapir e também em Vygotsky, Peirce, Wittgenstein, o contexto é um elemento essencial para a compreensão da linguagem”.

se propõe não o esgotamento das discussões acerca desses entrelaçamentos, mas alternativas para um intercâmbio teórico frutífero, principalmente no que diz respeito às contribuições da concepção de linguagem do Círculo para a análise do discurso digital.

## 1 Entre contexto e ambiente: a atemporalidade das reflexões sobre práticas discursivas

A vida e as reflexões de Bakhtin, assim como as de outros integrantes do Círculo, têm sido bastante investigadas em solo brasileiro e internacional. Exemplificadoras desse fato, destacam-se as obras *Mikhail Bakhtin*, de Clark e Holquist (2008); *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*, de Morson e Emerson (2008), que buscam introduzir não somente o pensamento bakhtiniano em sua completude, mas também a trajetória de Bakhtin, incluindo detalhes de sua vida e família; o ensaio *Da Rússia czarista à web*, de Brait e Campos (2016), que investiga a biografia dos integrantes do Círculo, a partir das obras escritas e a recepção de seu pensamento em outros países como o Brasil; a pesquisa *Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV*, de Grillo e Américo (2019) sobre a vida acadêmica de Valentin Volóchinov, no Instituto de História Comparada das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente (ILIAZV) e o livro *The Cambridge introduction to Mikhail Bakhtin*, de Hirschkop (2021), no qual o autor se utiliza de fontes mais recentes e atualizadas para explicar as ideias de Bakhtin e sua relevância para estudos literários e análises culturais. Essas obras representam apenas um recorte de estudos que buscam elucidar o contexto da vida e produção dos integrantes do Círculo.

A abordagem histórica do contexto em que uma teoria surge é imprescindível para a compreensão das influências que moldam as reflexões teóricas, principalmente em relação ao ambiente social em que elas se situam, uma vez que pode revelar possíveis limitações enfrentadas por pensadores de determinada época. Nesse entendimento, é importante conhecer, em alguma medida, a realidade empírica que motivou a produção acadêmica de teóricos do Círculo, como Bakhtin, que impulsionado pelo cenário histórico da década de 1920, na Rússia Stalinista, inicia suas reflexões em torno da temática do ato responsável como forma de criticar a realidade soviética em que vivia, a qual, de acordo com Chamberlain (2022) se apresentava como uma espécie de visão de mundo oficial que, além de espalhar o medo, afastava o mundo do ser humano. Para a autora, Bakhtin “[...] aceitou o desafio de mostrar o que tinha acontecido com o sujeito criativo sob a pressão política totalitária” (Chamberlain, 2022, p. 272).

Em termos de acontecimento histórico, a Primeira Guerra Mundial findara e a Rússia se encontrava em meio a uma guerra civil, seguida da Revolução de 1917. Esse ambiente, marcado por instabilidade social e de outras ordens, leva Bakhtin em seu texto *Para uma filosofia do ato responsável*<sup>5</sup>, a retratar o espírito da época, cuja crise, em sua cosmovisão, não se resumia

---

<sup>5</sup> De acordo com Ponzio (2019) e Sobral (2019), foi entre 1920 e 1924 que Mikhail Bakhtin começou a escrita de *Para uma filosofia do ato responsável*. Contudo, sua publicação somente ocorreu em 1986, na Rússia, após

unicamente às crises político-sociais do seu tempo, mas, sim, a uma crise do ato contemporâneo, ou seja, para o autor russo haveria uma separação entre o produto da realização do ato<sup>6</sup> e o motivo que fez esse ato existir.

Em relação a isso, Hirschkop (2021) esclarece que a preocupação de Bakhtin com o seu contexto é reflexo de um movimento maior envolvendo intelectuais europeus que sentiram os sintomas de uma crise cultural. Em boa medida, é o que trata, de acordo com a leitura de Hirschkop (2021) do livro de Oswald Spengler, *O declínio do ocidente* (1918) e do trabalho de Georg Simmel, *O conflito da era moderna* (1918). Esses trabalhos representam a cisão entre cultura e civilização, originando, em consequência, uma espécie de cultura sem vida autônoma, isto é, alienada e distanciada das forças que a criaram.

Afirmamos anteriormente que Bakhtin aceitou o desafio de mostrar o que havia acontecido com o sujeito criativo. Aprofundando essa afirmação, Chamberlain (2022) sinaliza que a escrita de Bakhtin sobre Rabelais, por exemplo, se constituiu, de certo modo, um código para falar não somente da França do século XVII, mas também da Rússia de Stalin. Isso porque a teoria da carnavalização e do tempo jubiloso, na ótica do autor russo, mostrava-se como uma espécie de ética da sobrevivência, ou seja, alternativa para o aprisionamento da realidade oficial soviética.

Concomitante a isso, Bakhtin, ao falar sobre a linguagem e ao apresentar o conceito de heterodiscurso, no qual o dialogismo é ponto central, questionou o autoritarismo de sua época, pois, a ideologia soviética oficial impossibilitava a diversidade linguística, reprimia toda individualidade e destruía a verdade social, de acordo com Chamberlain (2022). Para a autora, Bakhtin se opôs a essa realidade ao defender que a verdade é alcançada no encontro genuíno entre duas pessoas.

Essa inclinação para o social é sintomática, também, nos escritos de outros integrantes do Círculo. Medviédev (2016 [1928]) criticou o formalismo russo, com a sua proposta de uma poética sociológica, ao reconhecer que as construções artísticas e literárias não se limitam a aspectos formais e estilísticos, mas possuem relações com o contexto socioideológico em que estão presentes. Já Volóchinov (2017 [1929]), como é sabido, questionou as duas tendências do pensamento filosófico-linguístico de sua época, nomeadas, pelo autor, de subjetivismo individualista e objetivismo abstrato. Enquanto a primeira tendência centrava no psiquismo individual a fonte da língua e a segunda tendência entendia língua como o sistema linguístico-gramatical imutável, Volóchinov propôs uma abordagem sociológica da linguagem ao afirmar que “a interação discursiva é a realidade fundamental da língua” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 219).

---

a morte do autor. A tradução do livro utilizada aqui foi feita por Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco, que se basearam na tradução italiana de 2009.

<sup>6</sup> Postupok é a palavra usada por Bakhtin para significar ato, o qual pode ser “de pensamento, de sentimento, de desejo, de fala, de ação, que é intencional, e que caracteriza a singularidade, a peculiaridade, o monograma de cada um, em sua unicidade, em sua impossibilidade de ser substituído, em seu dever responder, responsavelmente, a partir do lugar que ocupa, sem alibi e sem exceção” (Ponzio, 2017, p. 10).

Está evidente que a produção do Círculo revelou, desde o contexto de sua época, uma preocupação em considerar a inseparabilidade da dimensão social, ideológica e cultural no que diz respeito à reflexão em torno da linguagem. Essa perspectiva ressoa, em certa medida, em trabalhos contemporâneos que se propõem a questionar paradigmas dualistas na análise da linguagem — caso da pesquisadora Marie-Anne Paveau, que em 2017, na França, com tradução para o Brasil em 2021, publicou a obra *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*, com críticas à linguística e propostas de mudanças epistemológicas, nesta área, para o tratamento do que se considera discurso digital, em suas palavras, o tecnodiscurso<sup>7</sup>.

São dois os pontos importantes que servem de contextualização para se entender o pensamento de Paveau. O primeiro diz respeito a questões pós-dualistas e não-logocêntricas. No paradigma dualista, concepção que esteve presente tanto na filosofia e em religiões, de acordo com Uttal (2004), a existência de duas realidades distintas representava a forma como a humanidade concebia o mundo. Sob esse prisma, como exemplificação, tem-se a dicotomia entre mente e corpo. Seguindo essa lógica dicotômica, no campo da linguagem, o isolamento entre o que é interno à língua e o que lhe é externo (contexto) ou o que é linguístico e o não linguístico ilustram essa maneira dualista de percepção da realidade.

Frente ao dualismo que, em sua concepção, determina os estudos linguísticos, Paveau (2021 [2017]) rompe com esse pensamento dicotômico ao propor considerar a análise de discursos sob uma orientação pós-dualista, a qual leva em conta o ecossistema em que as práticas textual-discursivas se encontram. Em se tratando de atividade linguageira, significa pensar a materialidade linguística e o não linguístico como parceiros na construção da comunicação. A autora se apoia teoricamente em Bruno Latour<sup>8</sup> e seu uso do termo “simétrico” para descrever sua compreensão da construção linguageira.

Como uma das bases da produção teórica de Paveau (2021 [2017]), o pensamento de Bruno Latour, de acordo com Lemos (2022), diferencia-se das ciências sociais que costumavam apenas se concentrar nas relações entre humanos. Para Lemos (2022), a teoria ator-rede de Latour leva em conta não somente o aspecto humano nessa empreitada, mas, também, os objetos, as tecnologias, entre outros elementos que desempenham papéis importantes na construção dessas relações. Assim, a sociedade torna-se uma espécie heterogênea de uma assembleia social de humanos e não humanos (conceitos, símbolos, ideias também) — por isso, simétrica.

Paveau (2015[2013]; 2020[2012] e 2021[2017]) concorda com esse pensamento e entende como materialidades do mundo a junção de objetos, conceitos, valores, elementos não linguísticos, entre outros. Para a autora, o não linguístico, que em sua crítica às análises do

---

<sup>7</sup> Paveau (2021[2017]) formula conceitos com o prefixo tecno-, tais como tecnodiscurso, tecnopalavra, tecnolinguagem, entre outros para assinalar a indissociabilidade entre o linguístico e o tecnológico.

<sup>8</sup> Marie-Anne Paveau cita a obra *Nous n'avons jamais été modernes. Essai d'anthropologie symétrique* (1997), de Bruno Latour.

discurso, se limita ao contexto social, não é visto como um simples pano de fundo para o linguístico, mas como copartícipe da construção da linguagem. Por isso, a autora adota o conceito de ambiente, em substituição a contexto, uma vez que aquele conceito abarcaria tanto elementos humanos como não humanos, o que seria mais propício para se tratar a realidade do discurso, no ambiente digital, no qual recursos linguísticos e tecnológicos estão numa relação de contiguidade, configurados em matéria mista, de natureza compósita.

O segundo ponto para compreensão do pensamento da linguista francesa diz respeito a uma proposta de não logocentralidade nas pesquisas sobre o discurso digital. As análises do discurso desenvolvidas na França, especificamente no tratamento do chamado discurso digital, isolavam, segundo Paveau (2021[2017]), a materialidade linguística e desconsideravam os elementos digitais como partícipes da construção comunicativa e discursiva. A não logocentralidade possibilita pensar a linguagem, ou melhor, o *logos*, não mais como o centro, mas constituído de elementos outros para além do linguístico. Em outras palavras, é a compreensão do discurso digital produzido pelo ambiente tecnológico e seus recursos, num contínuo com o linguístico e não de modo dicotômico, como visto, uma vez que a construção de sentido emerge nesse contínuo.

No entrelaçamento entre o pensamento teórico do Círculo e Marie-Anne Paveau percebemos uma produção de referência para se pensar a linguagem e, mais especificamente, o discurso, sob outros vieses considerando-se o tempo-espaço em que a produção intelectual desses pensadores se fez/faz presente. Ainda assim, é pertinente a aproximação entre princípios de suas teorias que sustentam uma concepção de linguagem aplicável à atualidade, que envolve o discurso digital. Os pensadores do Círculo apontaram para a natureza dialógica da linguagem, através das interações discursivas. Paveau, por sua vez, propôs se pensar textos/discursos sob outro paradigma, o qual evidenciasse a hibridização de elementos linguísticos e tecnológicos na comunicação humana. Suas formulações teóricas se harmonizam em pontos que possibilitam o estudo das práticas discursivas em sua plenitude.

## 2 A questão discursiva: explorando pontos de convergência

Apesar de Mikhail Bakhtin e o Círculo não estarem situados no paradigma pós-dualista, no qual Marie-Anne Paveau se encontra, é possível traçar aproximações quanto à maneira como esses pensadores refletiram sobre a dinâmica discursiva. Em *Os gêneros do discurso* (Bakhtin, 2016 [1979]) e em *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas* (Paveau, 2021 [2017]), o leitor pode encontrar material teórico consistente sobre constituintes do discurso, no pensamento desses autores.

Ressaltamos a importância de ponderações sobre o contexto sócio-histórico em que a produção teórica desses autores está situada, em tempo-espaço distinto, com incorporação de tecnologias também distintas que determinavam/determinam modos de interação discursiva na vida ordinária. Embora o desenvolvimento tecnológico sempre tenha marcado presença na

história das sociedades humanas, é inegável que nas últimas décadas deste século o surgimento de novas tecnologias veio de forma acelerada e, nessa dinâmica, tem-se mantido no percurso da criação da internet aos incrementos de inteligências artificiais. Isto, sem dúvida, impacta os modos como as pessoas lidam com a realidade cotidiana que envolve trabalho, estudo, lazer e, principalmente, as relações interpessoais.

Nesse panorama, é viável pensar que, ainda que não tenham vivido a efervescência de uma revolução tecnológica digital como Pavau vivencia, Bakhtin e o Círculo propõem uma postura investigativa sobre a linguagem, sensível ao mundo da vida, em que os atos linguísticos são efetivamente executados cabendo tal pensamento para a análise dos atos de linguagem no espaço digital, na contemporaneidade. É em favor dessa postura que Bakhtin esboça uma disciplina que teria como objeto de estudo as relações dialógicas, por reconhecer a abordagem teórica e metodológica da linguística limitada para esse fim, embora não desprezasse as descobertas realizadas por esse campo de pesquisa. Desse modo, o teórico russo apresenta uma alternativa de estudo da linguagem que articularia teorias e metodologias, visto que o desenho da disciplina proposta, a translinguística<sup>9</sup>, conservaria sua autonomia, em relação à linguística, transdisciplinarizando com os conhecimentos produzidos pela ciência da linguagem, em função da análise das relações dialógicas.

No pensamento teórico do Círculo, todo campo de atuação humana está ligado ao uso da linguagem, que, por sua vez, ocorre através de enunciados concretos (Bakhtin, 2016 [1979]). Para Mikhail Bakhtin:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos — o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional — estão indissolúvelmente ligados *no conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação (Bakhtin, 2016 [1979], p. 11-12).

Para o autor russo, na construção do enunciado, percebe-se que no momento composicional somente os elementos linguísticos não são suficientes na construção de sentido do todo do enunciado. Em suas palavras: “qualquer oração pode figurar como enunciado acabado, mas, neste caso, é completada por uma série de elementos essenciais de índole não gramatical, que lhe modificam a natureza pela raiz” (Bakhtin, 2016 [1979], p. 44). Diante disso, é o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante, em produzir um certo sentido, que determina a escolha estilística dos elementos que compõem o discurso dando-lhe acabamento.

É importante, contudo, esclarecer o uso do termo “acabamento”, que pode gerar o entendimento de fechamento total, o que não é o caso, na concepção dialógica. Na verdade, no

---

<sup>9</sup> O termo Translinguística, adotado, entre outros, por Todorov (1981), Clark e Holquist (2008), Morson e Emerson (2008) e Faraco (2010), em substituição à Metalinguística, nos parece bastante produtivo para ratificar a opção pelo termo transdisciplinaridade, assumido neste estudo e descrito na nota explicativa 2.

pensamento de Bakhtin (2016 [1979]), essa espécie de finalização do enunciado acontece minimamente, para que seja possível a responsividade na interação:

**Nos campos de criação** (particularmente nos científicos, evidentemente), ao contrário, só é possível uma única exauribilidade semântico-objetal muito relativa; aqui **só se pode falar de um mínimo de acabamento**, que permite ocupar uma posição responsiva. **O objeto é objetivamente inexaurível**, mas, ao tornar *tema* do enunciado (por exemplo, de um trabalho científico), ganha uma relativa conclusibilidade em determinadas condições, em certas situações do problema, em um determinado material, em determinados fins colocados pelo autor, isto é, já no âmbito de uma ideia *definida pelo autor* (Bakhtin, 2016 [1979], p. 36–37, grifos nossos).

Sobre isso, Morson e Emerson (2008) compreendem que só é possível alcançar a criatividade verdadeira em uma perspectiva de abertura em vez de fechamento absoluto. Assim enfatizam que “para se compreender a linguagem como criativa, o eu como não-finalizável e a história como fundamentalmente aberta, cada um deles tem de ser descrito de tal modo que a criatividade lhe seja inerente” (Morson; Emerson, 2008, p. 58). Portanto, a noção de acabamento em Bakhtin transcende a ideia de encerramento absoluto, ao propor uma concepção mais fluida e relativa desse conceito.

A concepção de acabamento bakhtiniana, que permite a responsividade no processo de interação discursiva, ressoa no pensamento de Paveau (2021 [2017]), na contemporaneidade, no que diz respeito, também, à constituição do discurso digital. Para a autora, os enunciados digitais possuem uma composição formada por elementos híbridos, nos quais as materialidades tecnológicas fazem parte do processo de construção de sentidos.

Os discursos digitais nativos são compósitos, ou seja, são constituídos por uma matéria mista que reúne indiscernivelmente o linguageiro e o tecnológico de natureza informática, de forma manifesta (caso da hashtag ou do pseudônimo no Twitter, por exemplo, dotados de marcas de composição) ou não manifesta (caso de todos os tecnodiscursos on-line que dependem dos programas informáticos). Esse tipo de composição tecnolinguageira é desenvolvida por um hibridismo semiótico: os tecnodiscursos podem ser plurissemióticos e mobilizar simultaneamente, e na mesma semiose, texto, imagem fixa ou animada, som (por exemplo, a imagem macro ou o cartaz) (Paveau, 2021 [2017], p. 58).

Ademais, a natureza compósita evidenciada pela autora indica a inseparabilidade entre o linguístico e seus exteriores, algo que o Círculo Russo pensou ao abordar a natureza constitutiva do enunciado. Segundo Volóchinov (2019 [1926], p. 120) “a situação extraverbal não é em absoluto uma simples causa externa do enunciado, ou seja, ela não age sobre ele a partir do exterior, como uma força mecânica. Não, a situação integra o enunciado como uma parte necessária da sua composição semântica”. No caso do discurso digital, os elementos linguísticos e não linguísticos que compõem o ecossistema digital são orquestrados em sua ecologia tendo em vista o interesse discursivo do falante.

Nesse sentido, partindo da vontade discursiva do enunciador, que dá uma espécie de finalização ao tema do discurso e determina as escolhas dos seus elementos constitutivos, o

falante delinea seu discurso dentro de um determinado gênero, o qual, no mundo digital, pode ser representado de diversas formas tais como *posts*, *reels*, comentários, compartilhamentos, vídeos, entre outros.

É importante destacar que Paveau (2021 [2017]) descreveu seis características constitutivas do discurso digital<sup>10</sup>, entre as quais, a composição. Esta característica, que diz respeito à composição do discurso digital, relaciona-se com a noção de acabamento pensada por Bakhtin (2016 [1979]), em que as duas noções centralizam a reflexão sobre o papel criador dos interagentes, em seu ambiente, na produção de enunciados. Bakhtin (2016 [1979]) afirmou que no momento de acabamento são postos em ação três elementos essenciais: a exauribilidade semântico-objetual, o projeto do discurso ou vontade de discurso do falante e, por fim, as formas típicas da composição e do acabamento do gênero.

No ambiente digital, essa exauribilidade pode ser representada pela produção de uma postagem, cujo conteúdo temático é abordado sob um determinado ponto de vista. Nessa direção, a vontade discursiva do falante orienta as escolhas de elementos híbridos do ecossistema para compor esse enunciado, que terá seu formato na especificidade de um gênero.

Ao refletir sobre essa constituição dos gêneros nos ambientes digitais, Paveau (2021 [2017]) destaca que o ambiente tecnológico faz sua própria criação e, assim, a autora cria uma tipologia para tratar o que chama de tecnogêneros: 1) tecnogêneros prescritos, que são gêneros fortemente restringidos pelos dispositivos tecnológicos. Um post do *X (tweet)* exemplifica essa modalidade, pois esse é próprio dessa plataforma *on-line* com suas restrições tecnológicas, como a limitação de caracteres. Portanto, o *tweet* depende dos dispositivos digitais e circula quase que exclusivamente no ambiente *on-line*. 2) tecnogêneros negociados, que são gêneros já existentes antes da internet, mas que adquirem novas características quando transpostos para o ambiente digital, por exemplo, a *webnotícia*, que passa a ter caracteres tecnolinguageiros, sem depender inteiramente das ferramentas digitais e 3) tecnogêneros produzidos, que são tipos de gêneros nativos da internet, criados pelos próprios usuários, realizados a partir de ferramentas digitais, sem, no entanto, se enquadrarem nas restrições dos gêneros prescritos e negociados, como um vídeo curto do *TikTok*, produzido a partir das possibilidades técnicas da plataforma.

Diante das considerações traçadas até aqui, em que as aproximações teóricas entre noções e conceitos da teoria dialógica e da análise do discurso digital se fizeram presentes, a partir da concepção de linguagem, da noção de acabamento e composição, de enunciado e gênero, é preciso ampliar a ideia de transdisciplinarização entre as perspectivas teóricas postas

---

<sup>10</sup> Segundo Paveau (2021 [2017]), são: composição: o discurso online é composto por elementos linguísticos e tecnológicos; deslinearização: diferentes partes do discurso digital ou de seus ambientes são conectados por links; ampliação: comentários e compartilhamentos continuam o discurso; relacionalidade: discursos digitais estão relacionados a outros discursos, mas também a dispositivos (computadores, celulares) e usuários; investigabilidade: o discurso digital possui metadados (ex.: hashtags, curtidas, links) que facilitam serem recuperados e pesquisados; imprevisibilidade: Algoritmos podem influenciar a forma e o conteúdo de discursos digitais.

em diálogo para se tratar da responsabilidade no ato discursivo digital. O ato responsável, conceito desenvolvido sob uma concepção filosófica que entende a ética como construída nas relações sociais, é pertinente como base filosófica para compreensão dos discursos que circulam no ecossistema digital. Na próxima seção, será explanado o conceito de virtude discursiva, de Paveau (2015 [2013]), advindo da ética aristotélica sobre os valores, em diálogo com a ética do ato responsável de Bakhtin (2017b [1986]), no tratamento da axiologia subjacente às práticas discursivas. Nesse viés, o objetivo de transdisciplinarização de saberes entre as duas perspectivas teóricas trabalhadas evidenciará a contribuição desse entrelaçamento epistemológico para a análise de discursos que circulam em ecossistemas digitais.

### 3 A produção discursiva digital como ato responsável

Em um dos seus primeiros escritos, elaborados por volta de 1920, Bakhtin desenvolveu uma reflexão crítica acerca do ato responsável. A título de breve contextualização, como ressaltado na seção um, o ambiente em que se encontrava o autor russo, marcado por uma instabilidade social e permeado por guerras — como afirmado por Hirschkop (2021) — sinaliza uma cisão entre o motivo de um ato e o produto resultante dele.

Ao compreender que pelo ato responsável é possível diminuir essa separação, Bakhtin afirma que “[...] tudo em mim — cada movimento, cada gesto, cada experiência vivida, cada pensamento, cada sentimento — deve ser um ato responsável” (Bakhtin, 2017b [1986], p. 101). Nesse sentido, a linguagem faz parte desse processo, isto é, acreditamos que o processo de acabamento de um enunciado pode ser interpretado sob esse viés filosófico apontado por Bakhtin. Nesse direcionamento, pela formulação conceitual sobre a composição de discursos digitais, de Paveau (2021 [2017]), percebemos aproximações produtivas nessa cosmovisão dos teóricos acerca do tratamento ético-moral a ser dado na análise de discursos digitais.

Por estar situada concretamente no mundo vivido, a espécie humana se apresenta como centro valorativo. O indivíduo, ao se relacionar com o tema de um enunciado, no momento de concretização de seu projeto discursivo, estabelece uma relação afetivo-intencional para como o objeto do enunciado, o que reflete nas escolhas dos elementos que darão acabamento a esse enunciado, pois

[...] Esse conteúdo não cai, de fato, na minha cabeça por acaso, como meteoro de outro mundo, ficando fechado e impenetrável, sem infiltrar-se no tecido único do meu vivo pensar-experimentar emotivo-volitivo como seu momento essencial. Nenhum conteúdo seria realizado, nenhum pensamento seria realmente pensado, se não se estabelecesse um vínculo essencial entre o conteúdo e o seu tom emotivo-volitivo, isto é, o seu valor realmente afirmado por aquele que pensa (Bakhtin, 2017b [1986], p. 87).

Nesse viés, seria um erro afirmar que o momento de acabamento composicional de um enunciado é um processo meramente técnico, posto que é esse vínculo emotivo-volitivo que confere ao ato enunciativo uma postura ativa. Dessa forma, cada elemento escolhido, cada

aspecto estilístico parte de escolhas intencionais, não de forma isolada, mas considerando a interação uma vez que um evento só pode ser pensado de modo participativo, situado concretamente no mundo.

A responsabilidade evidenciada por Bakhtin (2017b [1986]) não parte de uma abordagem deontológica, em que, sob um viés kantiano, o comportamento moral seria resultante de injunções universais sobre o indivíduo. Tampouco não se enquadra em um viés utilitarista, no qual os comportamentos morais seriam considerados aqueles que apresentam consequências úteis e boas para um determinado indivíduo. Na visão de Bakhtin:

Não existem normas morais determinadas e válidas em si, mas existe o sujeito moral com uma determinada estrutura (não, obviamente, uma estrutura psicológica ou física), e é sobre ele que precisamos nos apoiar: ele saberá em que consiste e quando deve cumprir o seu dever moral ou, mais precisamente, o dever (porque não existe um dever especificamente moral) (Bakhtin, 2017b [1986], p. 47-48).

Logo, o dever moral não é algo externo ou abstrato, na visão do autor russo, mas um resultado da relação viva do sujeito com o mundo e o outro, seu interactante. Essa concepção bakhtiniana do ato responsável possibilita refletir como discursos contemporâneos, surgidos em ambientes digitais, são passíveis de uma análise acerca da responsabilidade. Para que isso possa ser possível, faz-se necessário abordar o pensamento de Marie-Anne Paveau sobre as virtudes discursivas.

Na busca por indagar sobre ética nos estudos linguísticos, Paveau (2015 [2013], p. 24) propõe a noção de “virtudes discursivas” para caracterizar que “[...] no conjunto dos usuários de uma língua tomada nos contextos culturais, históricos e sociais, realmente existem critérios morais para a produção discursiva”. A linguista francesa explicita essa ideia ao asseverar que “[...] existe certo número de critérios que, em certa época, lugar e sociedade, definem para os usuários do discurso a aceitabilidade moral de um enunciado” (Paveau, 2015 [2013], p. 26). Isso acontece de três maneiras: 1) ajuste do discurso ao mundo, traduzido pela ideia de verdade; 2) ajuste do discurso às memórias discursivas que o enforma e possibilita e 3) ajuste do discurso às normas de relações com os agentes, admitidas numa sociedade.

A ética do discurso digital é o conjunto dos critérios de aceitabilidade dos discursos produzidos na internet em relação aos valores reconhecidos pelos usuários em um espaço e tempo dados [...] Não falaremos aqui de ética como um conjunto de critérios normativos que definem princípios transcendentais e consideram como transgressivos os discursos que não se conformam a eles; preferimos considerar a ética dos discursos como uma ética dos valores intersubjetivamente negociados pelos atores da produção verbal na internet [...] (Paveau, 2021 [2017], p. 195).

Com vistas à compreensão do processo de acabamento composicional de discursos digitais, as reflexões de Bakhtin (2017b [1986]) e de Paveau (2021 [2017]) podem contribuir para elucidar que tal processo pode ser interpretado como ato responsável. Como exemplo desse tratamento interpretativo a ser dado, são ilustrativos os casos de *fake news* e *cyberbullying* em postagens compartilhadas no ambiente virtual. A composição desses discursos, considerando o

pensamento de Paveau (2021 [2017]), pode ser interpretada como em desacordo com os critérios de aceitabilidade de um grupo social. Portanto, refletir sobre esses atos, como já visto em citações anteriores de Bakhtin (2017b [1986]), implica reconhecer a responsabilidade subjacente a tais atos, principalmente por serem geradores de danos para o convívio social.

Concomitante a isso, por ser um processo de interação social, os valores e critérios de aceitabilidade não são fixos e estáveis, mas podem se atualizar devido à instabilidade dos sentidos das palavras e das construções híbridas digitais, o que remonta à ideia de (in)acabamento do enunciado, aos elos dialógicos de uma rede enunciativa infundável. Esse aspecto na concepção de Paveau (2015 [2013]), significa que os contextos culturais e históricos colocam em jogo a responsabilidade enunciativa dos interlocutores, algo que se aproxima do que Bakhtin (2017a [1979]) assinala nos seguintes termos pensando na ressignificação dos sentidos:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Mesmo os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, **jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre hão de mudar (renovando-se) no processo do futuro desenvolvimento do diálogo**. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em um novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: **cada sentido terá sua festa de renovação**. Questão do *grande tempo* (Bakhtin, 2017a [1979], p. 79, grifos nossos).

No pensamento de Paveau (2015 [2013]), a virtude discursiva é marcada pela plasticidade axiológica sendo os valores modificáveis e adaptáveis. Logo, um enunciado que seja considerado não virtuoso pode, na dinâmica da interatividade, mudar e se ajustar aos agentes e discursos e ao mundo. Essa adaptabilidade e esse reajuste do discurso dialogam com o pensamento de Bakhtin (2017a [1979]), ao afirmar que os sentidos jamais são estáveis, pois mudam e se renovam no dialogismo inerente à linguagem, o que se ajusta à reflexão sobre (in)acabamento do enunciado, como posto anteriormente.

Dessa forma, o retorno festivo de Bakhtin (2017a [1979]) e a plasticidade axiológica de Paveau (2015 [2013]), concepções teóricas elaboradas em épocas distintas, apresentam ponto em comum: a natureza dinâmica e adaptável dos sentidos axiológicos. No âmbito digital, essas reflexões contribuem para se pensar a interatividade digital como lugar em que discursos são reajustados/adaptados aos valores adotados pelos agentes híbridos (humanos e não humanos), representando a fluidez da interação, na qual os sentidos sempre possuem um retorno festivo, isto é, ressignificado.

Portanto, pensar as tramas do discurso digital é compreender que nos ambientes de interação as bolhas digitais ou os *loopings* comunicativos estão situados em momentos históricos e sociais específicos, que refletem valores sociais adotados pelos membros da comunidade, neste caso, uma determinada comunidade digital. Os sentidos não são estáveis,

logo, tendo em vista a temporalidade digital, é preciso considerar o sucessivo desenvolvimento das significações e valores nos ambientes digitais de interação social, no processo de acabamento composicional dos discursos. Nesses ambientes também os comportamentos são atos responsáveis, pois, além de gestos valorativos, evidenciam que não existem normas morais universais, mas, sim, o ser moral que determina seu dever moral, em tempo e espaço situados numa atividade discursiva.

Em síntese, os estudos de Bakhtin (2017b [1986]) sobre o ato responsável e de Paveau (2015 [2013]) sobre virtudes discursivas podem auxiliar a compreender o processo de criação de discursos digitais e analisá-los sob a ótica da responsabilidade ética nas interações em ambientes digitais. Os autores contribuem para compreensão da dinâmica dos atos digitais ao enfatizarem que a ética e a responsabilidade nascem do próprio ser em interação/interatividade, refletindo-se nos comportamentos digitais.

## Considerações finais

Com o objetivo de investigar como a concepção de linguagem em Bakhtin e o Círculo, em articulação com princípios engendrados por Marie-Anne Paveau para a análise de discursos digitais, contribui para a reflexão sobre a responsabilidade ética na produção discursiva no espaço digital, foi possível delinear, no diálogo teórico, a possibilidade de um tratamento analítico desses discursos, a partir da compreensão dos processos de desenvolvimento da atividade discursiva presentes na comunicação digital. Após serem descritos os momentos da produção dos pensadores e suas contribuições, foram explorados pontos de convergência em como Marie-Anne Paveau e Mikhail Bakhtin pensam a construção discursiva, cada um refletindo a partir de determinadas temporalidades. O diálogo proposto se mostrou frutífero na convergência de conceitos e noções que desembocaram na aceitação da ideia de uma ética da responsabilidade discursiva nas interações digitais.

Considerando a formulação teórica e os diferentes contextos de produção dos autores cotejados, em sua relevância para a análise de problemáticas enunciativo-discursivas atuais, que têm emergido do/no ambiente digital, sintetizamos a fecundidade da interlocução traçada em apontamentos: 1) o hibridismo semiótico: assim como Paveau defende a índole compósita do texto/discurso digital, Bakhtin já acreditava que a construção do discurso possuía elementos para além da materialidade linguística; 2) a dialogicidade interativa: Bakhtin entende que o enunciado nunca está isolado, uma vez que não é um ponto finalizado e estático no fluxo da interação discursiva, ideia que está presente na teoria do discurso digital de Paveau, em seu conceito de ampliação discursiva. Ademais, ambos acreditam na cocriação dos interlocutores do enunciado, que continuam/ampliam/dialogizam o discurso; 3) a memória discursiva: para a época do autor russo, o pensamento de que nenhum sentido estaria esgotado, pois teria sua festa de renovação, ecoa na teoria de Paveau quando esta afirma que os tecnodiscursos são recuperáveis e reutilizáveis em novos sentidos e 4) a incompletude discursiva: enquanto

Bakhtin e o Círculo condicionam a responsividade do enunciado ao inacabamento enunciativo, o que torna a compreensão responsiva e produção discursiva atividades imprevisíveis, em relação ao discurso digital, Paveau atribui à composição o fato de tornar o discurso um ato não finalizável, pela própria condição relacional do discurso digital, em sua composição de natureza compósita que hibridiza agentes linguageiros e tecnológicos.

Diante desses pontos de encontros, para além de outros discutidos ao longo deste estudo, buscamos desenvolver reflexões filosóficas que revelam o pensamento desses autores no que tange a responsabilidade ética e moral na produção discursiva no ambiente digital, uma vez que a ética é o ponto central no pensamento de Paveau e Bakhtin, pois compreendem que comportamentos morais são pautados por valores internos dos indivíduos ou grupos, ao invés de normas universais externas. Nesse ideário, a linguista francesa aprofunda sua reflexão ao indicar que os valores são plásticos e ajustáveis aos contextos históricos e sociais. Bakhtin também acreditava na instabilidade e adaptabilidade dos sentidos e valores nos discursos, pois via o inacabamento do contexto dialógico, visto que sentidos passados estão suscetíveis a ressignificações, podendo emergir revestidos em outras axiologias. Na esteira da interlocução teórica proposta, neste estudo, é plausível defender que fundamentos linguístico-filosóficos de Bakhtin e o Círculo são substratos para a análise de discursos digitais, especialmente assentada na teorização de Paveau. Isto decorre da compreensão de que nas formulações bakhtinianas enfatiza-se a responsabilidade como participativa e situada concretamente no mundo, e, assim, no contexto digital, como em outros contextos, o ato responsável materializa-se no centro de valor assumido pelos indivíduos em interação.

Portanto, a possibilidade do diálogo entre esses teóricos oferece, para reflexão e análise de discursos digitais, a compreensão de que a responsabilidade ética é também elemento constitutivo da atividade discursiva digital. Como ilustrado pelos exemplos de *fake news* ou *cyberbullying*, em que suas construções composicionais podem estar em desacordo com os critérios de aceitabilidade de uma comunidade digital, na ótica das virtudes discursivas segundo Paveau (2015 [2013]). Assim, o pensamento filosófico bakhtiniano sobre o ato responsável contribui para analisar esses discursos sob o viés da responsabilidade e da responsividade na interação.

Faz-se, portanto, necessário ressaltar a pertinência de se estabelecer intercâmbios teóricos enriquecedores para a análise de comportamentos enunciativos contemporâneos, que configuram o repertório discursivo na arena das práticas digitais.

## Referências

BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017a.

## LINHA D'ÁGUA

- BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Trad. Miotello, V; Faraco, C. A. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017b.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- BARBOSA, J. L. N. *O enunciado digital tensionado sob a concepção filosófica bakhtiniana do ato responsável: um enfoque não-logocêntrico*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/57030>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- BRAIT, B. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 7-10.
- BRAIT, B.; CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016, p. 15-30.
- CABETTE, E. L. S. *Bakhtin e o direito: uma visão transdisciplinar*. Porto Alegre: Núria Fabris Ed., 2014.
- CAMARGO JUNIOR, I. D. *Mikhail Bakhtin na linguagem cinematográfica*. São Paulo: Mentis Abertas, 2020.
- CHAMBERLAIN, L. *Mãe Rússia: uma história filosófica da Rússia*. Trad. Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2010.
- GRILLO, S.; AMÉRICO, E. V. Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 7-56.
- HIRSCHKOP, K. *The Cambridge introduction to Mikhail Bakhtin*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.
- HITCHCOCK, P. Decolonizing Aesthetics: Bakhtin, Modernism, and Anti-Colonial Poetics. In: BIRGY, P. *Understanding Bakhtin, Understanding Modernism*. New York: Bloomsbury Academic, 2024, p. 131-146.
- LEMOES, A. O pensamento de Bruno Latour (1947-2022). *Interfaces científicas – Humanas e Sociais*, v.9, n.3, p. 469-479, 2022. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2022v9n3p469-479>.
- MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- MORSON, G. S.; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- PAVEAU, M.-A. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Organizadores: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- PAVEAU, M.-A. *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*. Trad. Ivone Benedetti. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.
- PAVEAU, M.-A. Realidade e discursividade: outras dimensões para a teoria do discurso. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. (Orgs.). *Texto, discurso e argumentação: traduções*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 15-40.
- PETRACCA, R. M. *Música e alteridade: uma abordagem bakhtiniana*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

PONZIO, A. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Trad. Miotello, V; Faraco, C. A. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, p. 9-38.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Coordenação de tradução: Valdemir Miotello. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

SOBRAL, A. *A filosofia primeira de Bakhtin: roteiro de leitura comentado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

TODOROV, T. *Mikahil Bakhtine: le prince dialogique suivi de écrits du Cercle de Bakhtine*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

UTTAL, W. R. *Dualism: The original sin of cognitivism*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2004.

VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.